



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

RECEPÇÃO E MEDIAÇÕES CULTURAIS: AS MÚLTIPLAS HISTÓRIAS E TEMPOS NA RECEPÇÃO DAS POLÍTICAS DE REFORMA AGRÁRIA DO GOVERNO FERNANDO HENRIQUE CARDOSO¹

Virgínia Sá **BARRETO**
Doutoranda em Ciências da Comunicação
Universidade Federal da Paraíba

Apresentação de resultados da pesquisa de mestrado *Comunicação e reforma agrária: estudo de recepção das políticas do MEPF-INCRA pelos assentados de Gaipió – PE*, no que concerne às reflexões teóricas desenvolvidas a respeito da mediação de heterogeneidade de temporalidades e sua influência na recepção destas políticas. Trata, essencialmente, de um processo de comunicação que se estabelece entre culturas: a cultura hegemônica, representada pelos órgãos responsáveis pela execução das políticas de reforma agrária do governo Fernando Henrique Cardoso e a cultura popular, assentados de Gaipió. A recepção é percebida na perspectiva das mediações culturais de Martín-Barbero e a leitura da fala do receptor se fundamenta nos estudos de representações sociais de Moscovici.

BRASIL – REFORMA AGRÁRIA COMUNICAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA RECEPÇÃO – MEDIAÇÕES CULTURAIS

Este estudo toma como aporte teórico para análise da relação cultural a teoria da indissociabilidade de comunicação e cultura, desenvolvida por pesquisadores, como Néstor García Canclini, Jesús Martín-Barbero e Guillermo Gómez Orozco, os quais realizaram uma aproximação dos estudos de comunicação e cultura através da atualização do conceito de hegemonia de Antonio Gramsci, deslocando a perspectiva de investigação, da concepção de dominação/manipulação para uma relação de hegemonia/consenso.

No espaço dessa relação cultural, propusemos compreender como os assentados de Gaipió recebiam as políticas de reforma agrária do MEPF-INCRA, considerando-se que a população de assentados de Gaipió é, majoritariamente, oriunda de uma cultura de trabalhadores rurais da Zona da Mata Sul de Pernambuco e que vivencia um processo de reforma agrária num clima conflituoso onde recebe influências das mensagens do MEPF-INCRA e de outras instituições cujas orientações nem sempre são compatíveis com as do Governo brasileiro.

¹ Trabalho apresentado no NP09 – Núcleo de Pesquisa em Comunicação Científica e Ambiental, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Assim, procuramos entender a recepção dentro de um contexto em que os assentados recebem influências de diversas mediações culturais. Para tanto, tomamos como eixo teórico central a teoria das mediações culturais de Martín-Barbero (1989, p.21), em que o autor parte, essencialmente, da questão: “*mas que los medios, la comunicación se nos hace hoy cuestión de mediaciones, esto es de cultura.*” Com este deslocamento da ênfase dos meios para as mediações culturais, o autor explicita, que estudar comunicação é, em outras palavras, estudar cultura, entendendo mediações culturais “*como los lugares de los que provienen las construcciones que delimitan y configuran la materialidad social y la expresividad cultural...*” (Martín-Barbero, 1987, p. 233). Espaços, portanto, estruturadores do sentido da comunicação.

Para enfrentarmos o desafio de realizar a leitura das significações produzidas pelos assentados a respeito das políticas de reforma agrária do Governo Fernando Henrique Cardoso compreendendo-as em sua complexidade, buscamos apoio na teoria das representações sociais, de base psicossocial, de Moscovici. Basicamente, esta proposta se fundamenta no fato de que existe um ponto comum essencial entre estas matrizes teóricas. Os estudos de recepção de Martín-Barbero procuram compreender a significação que os receptores constroem a partir do acesso às mensagens produzidas no campo da emissão em um processo de comunicação e, por sua vez, na perspectiva de Moscovici, as representações sociais são produções simbólicas, ou seja, estão no lugar de algo lhe conferindo significação. Aqui, sugere-se a leitura de Celso Pereira Sá, *Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria*, editado em 1995. Sobre a utilização do referencial das mediações culturais de Martín-Barbero em conjunção com o das representações sociais de Moscovici, recomendamos a leitura de Hílania Reis de Arruda de Alves, *Álbum de família: a trama das representações sociais de adolescentes abandonados*, de 1993.

Podemos inferir que ambas as teorias têm como objetivo compreender a significação atribuída por um sujeito a um objeto. Neste sentido, conciliamos ambas as teorias propondo recuperar, no espaço da recepção, o que chamamos de representações mediatizadas. Para tanto, partimos da hipótese geral de trabalho de que as representações



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

dos assentados de Gaipiό sobre as polίticas de reforma agrária do MEPP-INCRA sōo mediatizadas pela cultura dos agricultores enquanto cultura popular da Zona da Mata Sul de Pernambuco e sofrem influēncia de outras mediações, das quais elegemos as que considerávamos as mais relevantes: *mediação de heterogeneidade de temporalidades*, que se refere às diferentes relações com o tempo e às múltiplas histórias vividas pelos grupos de ex-moradores do engenho e dos ex-ocupantes, que lutaram pela desapropriação do engenho, e que hoje integram com os primeiros a população de assentados de Gaipiό; *mediação situacional do estar junto*, que remete à influēncia do estar junto dos grupos de ex-moradores e ex-ocupantes, ou seja, os reconhecimentos pelos tempos e histórias comuns vividos por cada grupo.

Mediação institucional Comissão Pastoral da Terra (CPT), enquanto instituição articuladora da luta pela terra e principal instituição envolvida na organizaçōo do assentamento. *Mediação de expectativas de consumo das mensagens da reforma agrária*, incidēncia das expectativas favoráveis ou desfavoráveis dos assentados quanto à reforma nas suas formas de receber e representar e as *mediações referenciais de gênero e idade*, relativas, respectivamente, às influēncias das relações de sexo e da faixa etária nas representações dos assentados.

MEDIAÇÃO DE HETEROGENEIDADE DE TEMPORALIDADES

Neste espaço, trataremos da construçōo teórico-metodológica e leitura que fizemos da recepçōo das polίticas de reforma agrária do governo FHC pela população de assentados, com base na influēncia da mediação por excelēncia do estudo, a mediação de heterogeneidade de temporalidades. Analisamos as propostas do governo, emissor do processo de comunicaçōo em estudo, por entendermos os estudos de recepçōo no enfoque de Martín-Barbero (1995, p. 40), ou seja, “*como uma espécie de um outro lugar, o de rever e repensar o processo inteiro da comunicaçōo.*” Para operacionalizarmos a análise, adotamos os procedimentos técnicos utilizados por Bonazzi; Eco (1980). Dentro desta proposta metodológica, tratamos de identificar os temas mais recorrentes e de maior



ressonância para os assentados de Gaipió. Com efeito, identificamos nestas políticas o tema central – reforma agrária – que, por seu turno, foi relacionado aos subtemas: INCRA, instrumentos de acesso à terra, sistema de crédito, assistência técnica, produção agropecuária e agricultura familiar. No presente trabalho tratamos apenas da recepção do tema central pelos homens de ambos os grupos.

Ademais, retomando-se a descrição, convém enfatizarmos que as mediações não foram vistas de forma isolada, e sim como uma rede de influência, pois parafraseando Gómez Orozco (1997, p. 114), quando trata dos estudos de recepção na perspectiva das mediações culturais, “*nada está conectado com nada, senão que há uma rede de mediações que incidem e conformam a interação entre um e outros componentes existentes no processo.*” Tratamos, aqui, em razão do reduzido espaço, de privilegiar a que pareceu exercer maior influência sobre o nosso objeto de estudo. Contudo, enfatizamos que, em alguns momentos da análise, não podemos deixar de fazer referência a outras mediações do estudo.

Na realização da pesquisa, o que de imediato o empírico mostrou foi a própria heterogeneidade da população de Gaipió, formada por dois grupos distintos em diversos aspectos relativos às suas vivências anteriores ao assentamento, quer nas origens, na história, nas questões concernentes à luta pela terra e nas relações de trabalho. São grupos heterogêneos. Realidades distintas de um contexto canavieiro complexo. Aliás, para compreendermos melhor os dois grupos, tomamos como referência o estudo de Andrade (1980), em que o autor aborda os problemas das relações de trabalho entre os proprietários de terra e os trabalhadores rurais sem terra no Nordeste brasileiro e categoriza os trabalhadores rurais da cana-de-açúcar da Zona da Mata de Pernambuco, conforme critério de maior fixação à terra e à dependência do proprietário.

Em síntese, o grupo de ex-moradores é constituído, em sua origem, por grupo de trabalhadores assalariados ou semi-assalariados moradores do engenho quando este ainda não havia sido desapropriado. Tal grupo tinha tido apenas, historicamente, a vivência de trabalhadores nos modos, simbolicamente, da Casa Grande & Senzala, para fazermos referência ao emblemático livro de Gilberto Freyre, ou seja, a cultura do senhorio, uma



relação de trabalho com raiz na escravidão, donde ainda se mantém o paternalismo e a subserviência ao patronato. O grupo não lutou e não quis inicialmente a desapropriação do engenho, pois não queria perder o vínculo de trabalho, moradia e assistência paternalista do dono do engenho.

Por sua vez, o grupo de ex-ocupantes não tinha vínculo de trabalho com o engenho. Vivia em pequenas cidades situadas na Zona da Mata Sul de Pernambuco, e lutara para conseguir as terras de Gaipió. A vivência anterior ao assentamento de grande parte do grupo era de trabalhadores informais e clandestinos, ou seja, trabalhadores sem carteiras assinadas e que prestavam serviços a vários engenhos da região. Mais contemporaneamente são oriundos do desemprego rural e urbano que assola o País, e particularmente, do desemprego rural provocado pelo desmantelamento da agroindústria canavieira da Zona da Mata de Pernambuco. Pareceu, portanto, que os dois grupos conformam um assentamento híbrido no que concerne ao aspecto da heterogeneidade temporal.

Assim, elegemos a mediação de heterogeneidade de temporalidades proposta por Martín-Barbero como mediação por excelência do estudo, posto que o nosso empírico evidenciava a relevância desta mediação e, assim, todas as demais que procuramos perceber nas construções dos assentados foram analisadas de forma nela imbricada. Para tanto buscamos, essencialmente, subsídio teórico em Martín-Barbero (1995, p. 42), quando diz que *“a questão das anacronias e das diferentes relações com o tempo, ou para usar sua expressão ‘destempos’, é a primeira mediação que a recepção introduz, vista como um lugar e não como etapa.”* Assim, quisemos seguir a trilha proposta pelo autor, isto é, ver o processo de comunicação analisado como um lugar e não como um ponto de chegada, o espaço de recepção nos seus aspectos múltiplos.

Tentamos resgatar os aspectos trabalhados por ele e construir, com o subsídio de outros autores, um percurso teórico-metodológico que pudesse iluminar a influência das temporalidades na pesquisa. No que concerne a estas temporalidades, convém destacarmos que quisemos percebê-las nos grupos entre si, que pelo exposto anteriormente já se evidencia, e dentro dos próprios grupos, pois enfatizamos que os diversos tempos também se conjugam em cada grupo.



Ressaltamos com o autor, a relevante contribuição dos teóricos da pós-modernidade para que se rompesse a visão histórica unidirecional, pois a reflexão sobre a pós-modernidade tem essa questão como um dos seus eixos, “...*parece-me importante na pós-modernidade essa nova sensibilidade, envolvendo a multiplicidade, e a heterogeneidade de temporalidade que combinem.*” (Martín-Barbero, 1995; p.43). Se levarmos em consideração a noção de pós-modernidade de Maffesoli (1992, p. 5-10), percebemos que há exatamente esta idéia de combinação, de organicidade de elementos de diversas temporalidades, pois para o autor, “*seria a pós-modernidade, aquilo que de algum modo, permite ligar e religar, de uma maneira orgânica, elementos diversos, uma espécie de patchwork que constitui a vida social e que, por conseguinte, se mantém juntos...*” Contudo, destaquemos que, apesar desses autores serem consonantes na valorização das multiplicidades históricas e temporais, pertencem a correntes de pensamentos distintas.

Para percebermos a coexistência das temporalidades dentro de cada grupo, retomemos Martín-Barbero (1995, p. 44), quando aponta os estudos de sociedade de Raymond Williams como caminho para se estudar a recepção sob a influência de múltiplas temporalidades. Para este autor, em todas as sociedades, coexistem formações arcaicas, residuais e emergentes:

Isto é, há formações culturais arcaicas que celebram o passado, mas um passado que já não tem a ver com o presente (...). A formação residual é aquele passado de que está vivo, não aquele que celebramos; é aquele que somos feitos, que configura realmente nossa memória como grupo que tem, neste momento, que escapar de viver, de ter sentido na vida. E a formação emergente é aquela que almeja o futuro, que rompe, inova e experimenta, seja no plano macro, seja em termos de temporalidades...

Pareceu-nos que tal aporte seria muito útil para compreender as distintas temporalidades na população de estudo, porque o autor sinaliza para três categorias de tempos que demonstram a coexistência de que falam Martín-Barbero e Maffesoli.

Ainda para melhor compreendermos a dimensão das temporalidades na pesquisa, tomamos Santos (1994, p.163-164), quando explica como a geografia trabalha as distintas



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

dimensões do tempo. Encontramos nas noções do autor, idéias que parecem adequadas para entendermos a mediação da heterogeneidade de temporalidades em nossa investigação. Primeiramente, comenta que o tempo pode ser trabalhado em geografia pelo menos em dois eixos: um eixo das sucessões e um eixo das coexistências. O primeiro remete a uma ordem temporal. Há uma seqüência de fenômenos, um depois do outro. No que diz respeito ao eixo das coexistências, há simultaneidade. Os fenômenos não são sucessivos, mas concomitantes, *“para os diversos agentes sociais, as temporalidades variam, mas se dão de modo simultâneo.”* Então, o autor questiona o tempo da sucessão, o chamado tempo histórico, que, segundo ele, foi por muito tempo considerado a base do estudo da geografia. Corroboramos com o autor, quando se interroga sobre o eixo das sucessões e diz: *“como continuar com essa noção se não há nenhum espaço em que o uso do tempo seja o mesmo para todos os homens?”* Neste sentido, adotamos na pesquisa o eixo das coexistências temporais.

REFORMA AGRÁRIA EM DISTINTOS TEMPOS

Em razão de termos realizado análises circunstanciadas, faremos nesse espaço apenas algumas considerações sobre os resultados obtidos. Adotamos a metodologia de estudo de caso. A pesquisa se realizou entre agosto a outubro de 1999, quando fomos diversas vezes a Gaipió. Numa destas vezes, vivemos com eles durante cinco dias com o propósito de observação participante do cotidiano. A população de assentados é integrada por 96 famílias, das quais 68 são de ex-moradores e 28 de ex-ocupantes. A escolha da amostra foi não probabilística de caráter não intencional, com base no critério de representatividade social. No primeiro momento trabalhamos com 10% dessa população e na fase final de coleta de dados, com 5%. Como estratégia de pesquisa, trabalhamos com métodos diversificados: estudo etnográfico (para captarmos o ambiente dos assentados, a roça, a casa ou barraca, os objetos de trabalho e do lar, a utilização do espaço); observação participante (para compreendermos o cotidiano, as reuniões para a organização do



assentamento, o lazer, o trabalho na roça e as conversas); diário de campo (para registro constante de mensagens não verbais); entrevista semi-estruturada (para coleta de dados relativos ao universo simbólico e temas da reforma agrária analisados); história de vida (Brioschi, 1989).

Em se tratando, especificamente, dos resultados, primeiramente, trataremos dos aspectos comuns que contribuíram para a formação das representações do grupo de ex-moradores e de ex-ocupantes. Assim, as representações de reforma agrária desses grupos de assentados foram construídas no cotidiano de suas relações interpessoais no processo de reforma agrária em que vivem. Pudemos constatar este fato, empiricamente, por termos tido oportunidade de manter contato com a população, desde o início de 1998, pouco tempo depois da imissão de posse das terras do engenho, quando ambos os grupos demonstraram maior dificuldade para falar sobre o processo de reforma agrária que estavam vivendo.¹

Este fato é revelador do aspecto da familiaridade das representações sociais do qual se refere Moscovici (*apud* Sá, 1996, p. 43) – “*O propósito de todas as representações é de transformar algo não familiar, ou a própria não familiaridade, em familiar*” –, pois a vivência de reforma agrária, em Gaipiό, ainda podia, à época, ser considerada recente e, desta forma, suas construções simbólicas a respeito estavam em processo de construção.

Outro fato comum aos grupos de assentados de Gaipiό tem raiz nos processos de conformação de uma cultura popular, isto é, a apropriação desigual dos bens simbólicos e culturais da sociedade, retomando-se, literalmente, as palavras de Canclini (1983, p. 42): “*As culturas populares se constituem por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de uma nação ou etnia por parte dos seus setores subalternos, e pela compreensão, reprodução e transformação, real ou simbólica, das condições gerais e específicas do trabalho e da vida.*”

Neste fosso com o hegemônico, aqui simbolizado pelo MEPF-INCRA, é que os assentados realizam a fruição, compreensão e conformação das mensagens desses órgãos dentro das próprias circunstâncias particulares de suas vidas. É, portanto, pensando no

1 Trabalho apresentado no NP09 – Núcleo de Pesquisa em Comunicação Científica e Ambiental, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



conceito de Canclini de culturas populares que podemos compreender a dificuldade dos assentados em expressarem suas representações sobre reforma agrária, ou em linguagem da teoria das representações sociais, a dificuldade de objetivar ou materializar a palavra.

Não obstante esses aspetos em comum, a forma de receber e representar a reforma agrária do MEPP-INCRA do grupo de ex-moradores e de ex-ocupantes se dá distintamente como reflexo da incidência de seus heterogêneos tempos e histórias. Podemos aqui destacar, numa primeira análise, no que diz respeito ao grupo de ex-moradores, que é uma construção permeada por idéias ambíguas de perdas e ganhos. Santos (1994, p. 118-119), aliás, explica, baseada em Gramsci, como se dá a ambigüidade, uma das características das culturas populares: *“as classes subalternas por não encontrarem nas ações das classes ‘dominantes’ respostas às suas necessidades efetivas lançam-se em ‘ações, lutas e movimentos que entram em contradição com a concepção do mundo no qual elas foram educadas.’* Para a autora, *“esta contradição entre ação e concepção do mundo explica a ação fragmentada das classes subalternas, sendo a característica dessas classes ‘a falta de unidade entre ação e teoria’.*”

Sem querermos simplificar tal polarização – grupo de ex-moradores e de ex-ocupantes –, contudo, temos que considerar que estas construções se processam dentro de um contexto de forma mais genérica, configurado pelo ganho da terra, de uma morada própria e do poder de plantar, da perda do emprego e, conseqüentemente, de uma situação de salário certo e de vida pobre mais estável.

Sendo assim, para o grupo de ex-moradores suas construções sobre reforma agrária são imbricadas às circunstâncias particulares das suas vivências anteriores ao assentamento, ou seja, as relações de trabalho com o dono do engenho e de uma vida em meio a muitas terras, mas impedido de possuí-las e nelas plantar. Assim é que, quando pergunto ao Sr. Cassiano o que entende pela reforma agrária do governo FHC, ele responde:

¹ Este contato se deu através de pesquisa com grupo de mestrandos da UFRPE, com o propósito de conhecer as políticas de comunicação da CPT para a reforma agrária. O auto de imissão de posse do Engenho Gaipió ocorreu no dia 20 de novembro de 1997.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

“Eu não gostaria de dizer não. Deixe ver se eu explico agora, porque eu acho que a reforma agrária renovou muitas coisas (...). Eu era do tempo que não podia plantar um pé de roça que o patrão arrancava e dizia vai-te embora que nem eu ouvia muitas vezes, aqui eu não quero que plante não...”

Quando o ex-morador diz *não gostaria de dizer não*, deixa vir à tona sua dificuldade em falar sobre um tema que lhe parece abstrato. Apesar de viver um processo de reforma agrária, expressar-se sobre ela remete a dúvidas e imprecisões. Afinal, a reforma era ainda uma vivência nova para eles. Passaram toda uma vida como trabalhadores assalariados. A rigor, viviam, ainda, um momento de adaptação à nova condição de assentados de reforma agrária. Neste sentido, há sentimentos imprecisos quanto à vivência. Apesar de tudo, o ex-morador busca palavras e embora sem um formato de conceito pronto, consegue dizer aquilo que mais diretamente o liga à reforma agrária, isto é, a mudança do tempo em sua vida e o poder plantar.

Esta negação da vivência anterior ao assentamento ficou na memória dos ex-moradores. Os ex-moradores em estudo são filhos e netos de antigos moradores do engenho, na época em que tinham direito a plantar em terras que lhes eram reservadas. Não podemos esquecer, com base no estudo de Andrade (1980), que os moradores constituem, originalmente, uma categoria de homens livres, intermediária, entre os escravos e os donos de engenho, criada na época da escravidão. Livres entre aspas, porque, na verdade, eram reserva de mão-de-obra para quando os escravos fossem insuficientes. Tinham autorização dos senhores do engenho para construírem casebres para residir e plantar lavouras de subsistência em áreas não exploradas. Trabalhavam de três a quatro dias na semana para o patrão e o restante do tempo podiam cuidar de suas roças. Com o avanço da monocultura da cana-de-açúcar e das usinas, além de perderem suas terras melhores para o plantio da cana, tiveram que trabalhar mais dias para o dono do engenho e, conseqüentemente, não puderam mais se dedicar às suas roças. A reforma agrária resgatou este sentimento castrado de poder plantar: *“Quer saber, cada vez que eu chego lá (em referência à sua parcela) até me riu, o feijão um palmo tudo crescendo.”* (Sr. Cassiano).



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A representação é construída, exatamente, incidindo sobre o que foi negado na sua história anterior e que lhe atingia mais diretamente. Logo, para ele, reforma agrária é o novo tempo, o tempo de poder plantar. É subjacente nesta representação, uma idéia que é recorrente nas falas dos ex-moradores, a idéia de liberdade: *“Dessa reforma agrária eu acho bom o seguinte, porque a gente tem mais liberdade, porque antes a gente era cativo e agora nós não somos mais cativos. Isso foi uma grande força para o agricultor, pros trabalhador.”*(Bal).

Em diversas ocasiões, ouvi dizerem *“agora nós somos libertos.”* Esta idéia de ser liberto está atrelada a ser dono de si próprio, vencer os grilhões do domínio do patrão, deixar de ser empregado, desprender-se de uma relação de subjugo:

“Quer dizer que reforma agrária é o seguinte (...): reforma agrária é o cara ter a parcela dele, trabalhar pra ele. Produzir, criar (...). E tudo que a pessoa tem uma parcela vai trabalhar pra ele, e não vai ter mais patrão, o patrão vai ser ele (...). Vai trabalhar pra ele, ele vai plantar roça, banana comprida, macaxeira, laranja, coqueiro (...) e tudo que ele está produzindo é uma forma de o cara ter um futuro.” (Bacha).

Assim, as representações dos ex-moradores têm raízes, ou no dizer dos teóricos das representações sociais, são *ancoradas* em suas experiências cotidianas anteriores à reforma agrária, ao tempo em que exauriam a vida em um trabalho para outra pessoa e não para si e sua família. A rotina árdua que não conseguia dar futuro, pois a vida sempre continuava igual, *sem futurar* como eles nos disseram em diversas ocasiões. Em se tratando do termo - ancoragem -, segundo Jodelet (*apud* Sá, 2000, p. 37-39), *“a ancoragem consiste na integração cognitiva do objeto representado –, sejam idéias, acontecimentos, pessoas, relações etc – a um sistema de pensamento social preexistente e nas transformações implicadas. Quanto à objetivação, trata-se de ‘uma ‘operação imaginante e estruturante’, pela qual se dá uma ‘forma ‘– ou figura – específica ao conhecimento acerca do objeto, tornando concreto, quase tangível, o conceito abstrato, ‘materializando a palavra’.”*



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Retomando a fala antes transcrita, vemos que, para o ex-morador, a reforma agrária executada pelo INCRA é ter terra, trabalhar para si próprio e não ter mais patrão. Em outras palavras, ser dono de si. Mas, temos que considerar que estas construções simbólicas, em que pese incidirem nos aspectos que mais se referem às suas vivências anteriores, se constroem no novo tempo em que vivem, pois se remetermos ao discurso deles, coletados na pesquisa que fizemos logo após a imissão de posse ou quando suas memórias resgatam os sentimento que mantiveram na época da desapropriação, veremos que rejeitavam a condição de donos da terra e o poder plantar: *“Não queriam aceitar. Muitos iam lá e dizia (sic): pra que eu quero terra assim? Eu não quero luta de terra, eu quero é dinheiro (...). E brigavam pra que voltasse aquilo mesmo, continuasse...”* (José de Sena).

As idéias dos ex-moradores na fala do Sr. José de Sena refletiam o arcaísmo de que fala Raymond Williams. Celebravam um passado que não tinha nada a ver com o seu presente. Não queriam terra. Queriam emprego, dinheiro certo. Ora, para que a terra? Ela sempre lhes fora negada, estavam acostumados. Mas, hoje dizem: *“A gente que trabalha tem que pegar amizade com a lavoura (...). A gente pega amizade.”*(José de Sena).

Assim, percebemos, nitidamente, que as incorporações de idéias de amor à terra, liberdade e produção agrícola própria em suas representações de reforma agrária resultam de influências ocorridas na vivência dos ex-moradores no assentamento. Influências das instituições envolvidas na organização da luta em Gaipió. Neste processo, destacamos a CPT. Tivemos oportunidade de acompanhar o trabalho da pastoral com os assentados no sentido de resgatar a auto-estima dos ex-moradores e seus sentimentos pela terra castrados durante tantos anos pela influência do dono do engenho. Atribuímos à pastoral a incidência maior nestas construções de reforma agrária porque, como dissemos, estudamos como suas políticas de comunicação para a reforma agrária eram representadas pela população de Gaipió e acompanhamos, em diversas ocasiões, as reuniões da pastoral. Além do mais, procuramos perceber, na fala da população do atual estudo, traços do discurso da pastoral. Reiteradas vezes, observamos que a CPT trabalhara com o grupo de ex-moradores as idéias de ser dono de si próprio e da terra, mantendo com ela uma relação de amor.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Lembremos, aqui, que o discurso da instituição em sua vivência de organização e orientação dos trabalhadores rurais trabalha os temas – terra, cidadania e religião – de forma que se interpenetram como símbolos que não se dissociam, materializando, assim, a comunicação ideológica da instituição:

“Que queremos dizer quando dizemos ‘terra’? Quando priorizamos a luta por terra e na terra precisamos adjetivos? Ou desistimos dele porque o substantivo ‘terra’ diz tanto que todos os predicados pareceriam pálidos? Adianta somar-lhes outros substantivos como ‘direito’ e ‘utopia’? Isso já torna nosso discurso mais claro para nós mesmos e já facilita a sintonia com o imaginário camponês?”
(Boletim da Comissão Pastoral da Terra, 1997).

Mas, ressaltemos que esta retórica incide nas construções de reforma agrária dos ex-moradores com base no tempo específico de suas vivências anteriores ao assentamento.

No que tange ao grupo de ex-ocupantes, o processo de fruição e representação das mensagens do MEPPF-INCRA se configura dentro de uma realidade de menor incidência de ambigüidade, ou seja, mais próxima ao ganho, sem desconsiderar algumas perdas, relativas a algumas facilidades da vida na cidade. Assim, podemos destacar o ganho das terras de Gaipió com a luta que travaram, do poder de plantar e morar na própria terra, de se desligarem de uma relação de trabalho instável e do desgaste do dia-a-dia vivido em trânsito entre a cidade e o campo.

Com efeito, as representações de reforma agrária do grupo de ex-ocupantes também têm, em comum com as do grupo de ex-moradores, além dos outros aspectos inicialmente comentados, o fato de ter terra, poder plantar para si próprio e ter um futuro melhor. Afinal, eles também viveram a negação destes valores nas suas vivências de trabalhadores informais de engenhos da Zona da Mata Sul de Pernambuco: *Reforma agrária para mim chama barriga cheia, né? A gente trabalhando para os outros a gente não tem um pedaço de terra para trabalhar. Tem mais é dos outros. Aqui tem, mas é da gente. É reforma agrária. A gente produzindo bem, a gente vendendo bem.*” (Bacha). Para Paulo, *“Reforma agrária é um órgão muito bom, que dá de comer a muita gente que tem precisão de trabalhar.”*



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Confrontando-se as duas falas, notamos a imprecisão ou confusão que, muitas vezes, eles fazem dos temas da reforma agrária em estudo, face à falta de familiaridade com os termos e à dificuldade de expressão, conforme comentamos. Além do mais, como reflexo de suas vivências anteriores, percebemos nas representações dos ex-ocupantes a ênfase dada à idéia de *barriga cheia* e *trabalho* para quem precisa. Lembremos aqui, a instabilidade que existia nas suas relações de trabalho e as implicações de tais relações na vida dos trabalhadores e de suas famílias. Não ter trabalho é passar fome. Assim, reforma agrária, para eles, significa garantia de não passar fome. Ter sempre barriga cheia. Mas, se recorrermos às falas que refletem suas expectativas quanto à reforma, notamos que a mediação de heterogeneidade de temporalidades incide de forma a gerar aspirações distintas em ambos os grupos. Quanto ao grupo de ex-moradores:

“Eu espero melhor. Vai ser bom pros filhos e pros netos porque vai morar no que é deles. O que vai ser bom é quando chegar a luz. Meu desejo é luz elétrica.”
(Cassiano).

“Tenho vontade de trabalhar, pagar a parcela, né? Viver equilibrado, não sofrer como já sofremos muito, né? (...) . Com o patrão eu não lucrei nada, trabalhei esse tempo todinho e não arrumei nada (...), mais pra frente, pode até não ter, mas sempre eu tenho uma esperança, trabalho nesse sentido, de melhorar qualquer coisa...” (Bacha).

Eles vieram de *um tempo* em que só viviam para trabalhar, isolados no engenho, com convivência restrita e sem experiência ativa em organização política de trabalhadores rurais. Muitos eram sindicalizados, mas mantinham contatos com o sindicato só para a solução de questões pontuais nas suas relações de trabalho com o dono de engenho. Daí, suas idéias são, de forma geral, sempre voltadas para si e suas famílias e não para a concepção de organização política coletiva tão presente no discurso da CPT, fato que não acontece com os ex-ocupantes, quando se referem às suas expectativas quanto à reforma:

“Eu espero que dê o que todo agricultor eles precise (sic) de dar. Porque a reforma agrária é muito bom, porque hoje ninguém tem emprego no Brasil. Hoje



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

o desemprego é mais que a reforma agrária. Eu espero que o trabalho do INCRA faça mais reforma agrária do que já fez.” (Bacha).

Essas expectativas refletem as vivências de subempregos no campo e do desemprego contemporâneo do grupo de ex-ocupantes. É o reflexo das formações residuais de que fala Raymond Williams, o passado que está vivo, não o que se celebra, mas o que configura a memória como grupo. As experiências anteriores marcam e são refletidas nas construções do presente. Eles revelaram, em longos depoimentos, memórias amargas desse passado. O trabalho sazonal gerara insegurança e desagregação de suas famílias. Assim, suas expectativas procuram encontrar saídas para as lembranças residuais. Entretanto, ressaltamos que o tempo vivido que se quer expulsar reflete a consciência do agora, da luta pela terra e negação da exclusão.

Por fim, em síntese, podemos dizer que as múltiplas histórias e tempos vividos pelos grupos de ex-ocupantes e ex-moradores antes da desapropriação ancoram as formas como recebem e representam as políticas do MEPP-INCRA. Os assentados recebem e representam tais políticas com raízes no passado, mas objetivam estas construções com base na negação deste mesmo passado, demonstrando, assim, a coexistência dos heterogêneos tempos em suas construções simbólicas.

REFERÊNCIAS

ALVES, H. R. de A. **Álbum de família**: a trama das representações sociais de adolescentes abandonados. 1993. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

ANDRADE, M. C. **A terra e o homem no Nordeste**. 4. ed. São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1980.

BOLETIM DA COMISSÃO PASTORAL DA TERRA, Goiânia, v. 20, n.145, ago.1997.

BONAZZI, M.; ECO, U. **Mentiras que parecem verdades**. São Paulo: Summus, 1980.

BRIOSCHI, L. R.; TRIGO, M. H. B. **Família**: representação e cotidiano; reflexão sobre um trabalho de campo. São Paulo: CERU, 1989. p. 36-47.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

CANCLINI, N. G. As culturas populares no capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GÓMEZ OROZCO, G. **La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa**. Guadalajara: Instituto Mexicano para el Desarrollo Comunitario, 1997. p.113-127.

MAFFESOLI, M. A comunicação pós-moderna como cultura. **Textos de Cultura e Comunicação**, Salvador, v. dois, n. 28, 1992. p. 5-10.

MARTÍN-BARBERO, J. América Latina o os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUZA, M. W. (Org.). **Sujeito: o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 39-67.

_____. Comunicación y cultura: unas relaciones complejas. **Cuadernos de Comunicación, Tecnología y Sociedad de la América Latina**, Madrid, n. 19, p.21-26, set./nov.1989.

_____. **De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía**. México: G. Gili, 1987.

SÁ, C. P. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, M. J. P. (Org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.19-45.

_____. Sobre o núcleo das representações sociais. Petrópolis: Vozes, 1996.

SÁ BARRETO, C. V. M. Comunicação e reforma agrária: estudo de recepção das políticas do MEPP-INCRA pelos assentados de Gaipió-PE. 2000. Dissertação (Mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural). – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2000.

SANTOS, M. S. T. **Igreja e pequeno produtor rural: a comunicação participativa no programa CECAPAS/SERTA**. 1994. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: HUCITEC, 1994.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002